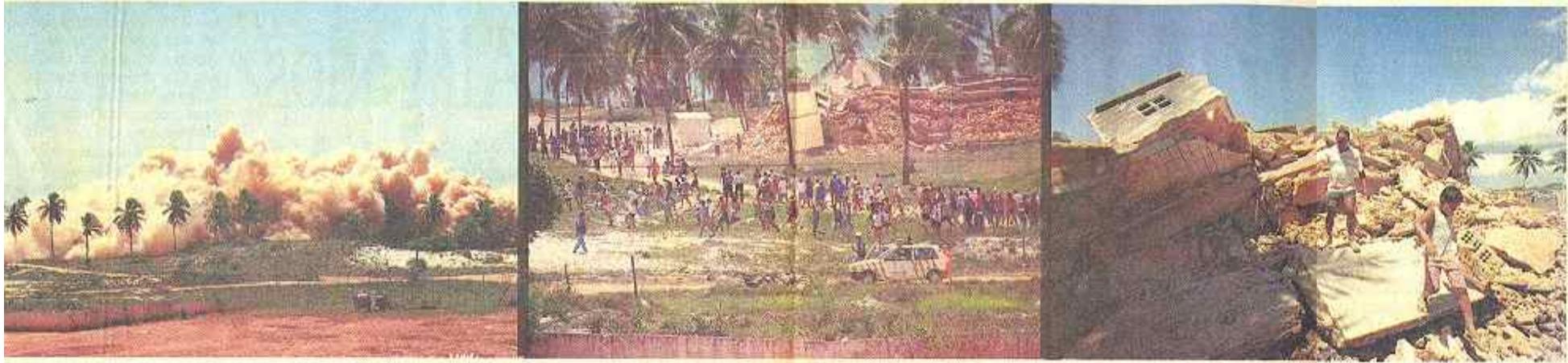


# Ruínas detonadas

Cinquentas quilos de dinamite explodiram, em três segundos, o que restava do Hotel Stella Maris



**José Carlos Peixoto Jr**

**B**astaram três segundos e meio e 50 quilos de dinamite gelatinosa. Num apertar de botão do prefeito Antonio Imbassahy, o hotel abandonado da Praia de Stella Maris implodiu e se transformou num amontoado de 200 toneladas de escombros. Instantes após a detonação, só um cogumelo de poeira restava para lembrar a presença do velho prédio e antiga referência para os frequentadores das praias do local. Minutos antes do veredito final, ainda se podia ler a frase pixada na caixa d'água central do prédio: "Só Cristo salva". "É uma bomba, mano?" perguntou, nervosa, a pequena Clarissa, 8 anos, filha da baraqueira Maria Lúcia, quando o hotel começou a ruir. Ela e a mãe faziam parte da pequena multidão que se aglomerou à 200 metros da praia para apreciar o fim do "monstro" de concreto.

O dia de trabalho começou cedo para os técnicos da Coordenação da Defesa Civil de Salvador, que, junto com a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros, orientou a evacuação das pessoas e veículos que se encontravam dentro da área de risco, que compreende o polígono de 125 mil metros quadrados em torno do hotel. Às 9h o trabalho foi intensificado. Meia hora depois, não restava quase mais ninguém na região de risco. As ruas que dão acesso à Praia de Stella Maris também foram interditadas no inicio

da manhã, exatamente às 9h45. O tráfego de veículos foi interrompido na altura do Shopping Stella Market e desviado para a rua que dá acesso à Rótula do Aeroporto.

Segundo o tenente Valdir Oliveira, do Grupamento de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros, 22 homens foram deslocados para as proximidades do local onde ocorreu a implosão. Os bombeiros realizaram um minucioso rastreamento dos poucos transeuntes e banhistas que, às 10h, ainda se encontravam da área de risco. O grupamento levou para o local uma viatura de salvamento e uma ambulância de resgate. Os veículos ficaram estacionados do lado direito do prédio, obedecendo à distância de 200 metros. "Estamos preparados para qualquer eventualidade", garantiu Valdir.

Os moradores das casas próximas ao hotel também fizeram que se retirar das suas residências. "Já havíamos sido informados desse procedimento (a evacuação). A Defesa Civil nos comunicou no dia 30 de dezembro", afirmou Raquel Augusta Carvalho, residente na casa 45, próxima ao velho prédio. Raquel tentava se apressar para sair de casa, enquanto segurava o seu cachorro nos bra-

ços. A casa ao lado da sua já se encontrava totalmente trancada. De acordo com os procedimentos determinados pela Codesal, os moradores de todas as casas da área, antes de se retirar das suas residências, tiveram que desligar o gás e fechar todas as janelas.

**Contagem regressiva** - Às 10h, em ponto, foi tocado o primeiro alarme para anunciar a implosão. A essa altura, apenas os engenheiros e técnicos da empresa CDI, encarregada de efetuar o trabalho, se encontravam próximos ao hotel. Mais distante, bastante calmo e confiante, o engenheiro de minas Manoel Dias, que veio de São Paulo para comandar a operação, dava as últimas instruções

à sua equipe de trabalho. "Já participei de 70 implosões", afirmou Dias, enquanto orientava a sua equipe. Com a área completamente evacuada, às 10h30 foi acionado o segundo alarme. Tensão. A 200 metros do prédio, o prefeito Antonio Imbassahy apostava no sucesso da operação: "Essas implosões, às vezes, não dão certo. Espero que tudo ocorra bem", afirmou o prefeito, enquanto aguardava a chegada do botão detonador, que estava sendo

trazido por Manoel Dias. A essa altura, a área que fica em frente ao Clube da Petrobras havia sido tomada por vendedores de cerveja, refrigerantes e cachaça-quente. Dezenas de cinegrafistas e fotógrafos amadores também se acotovelavam no local procurando escolher o melhor ângulo para registrar a implosão.

O suspense tomou conta de todos quando, às 10h59, foi dado o último alarme. Menos de um segundo após, um estrondo deu início à implosão, que fez o velho Hotel Stella Maris ruir, da esquerda para a direita, como um agrupamento ordenado de dominós. Após o estrondo, uma salva de palmas e gritos dos populares saudaram o êxito da operação. "Foi demais!", gritou, ou, aos saltos, um vendedor de picolé. Havia também quem temesse o momento, conforme um casal de Minas Gerais, que passa férias em Salvador e havia se juntado à platéia. "Fechei os olhos e me abaixei", disse, ainda emocionada, a turista Regina Santis, enquanto era abraçada pelo namorado, André Silveira.

Após a implosão, as autoridades liberaram os populares para ir até os escombros do hotel. Em poucos minutos, a montanha de entulhos do velho prédio estava sendo, literalmente, "velada" por técnicos e populares. "Foi um sucesso", afirmou, aliviado, o prefeito Antonio Imbassahy, enquanto cumprimentava e parabenizava os engenheiros da CDI. "Tudo ocorreu como tínhamos planejado", comemorou Manoel Dias.



Ninguém quis perder o espetáculo

## Local será alvo de novos investimentos

Antes de apertar o botão detonador para implodir o hotel inacabado, de 42 anos de idade e com mais de 200 apartamentos, o prefeito Antonio Imbassahy assegurou que existe a possibilidade de área ser palco de um novo investimento que assegure a geração de mais empregos na capital baiana. "É possível que o local (a Praia de Stella Maris) ganhe investimentos que tragam empregos", disse o prefeito. De acordo com ele, a prefeitura vai fazer uma análise na área para propor uma alternativa paisagística para o local. A maioria dos baraqueiros que trabalha em frente ao hotel lamenta a implosão do prédio.

Para Arilda Leal, gerente da barraca Waikiki, o velho hotel abandonado (um colosso de oito andares e 14,2 mil metros de área construída), já integrava a paisagem da praia. "Isso aqui (o hotel) era uma referência para os visitantes e, antes de tudo, pescadores", afirma Leal. Segundo ela, as três caixas d'água do prédio serviam como pon-

tos que guiavam os pescadores quando os mesmos se encontravam em alto mar. Arilda teme também pelo futuro das barracas naquela área. "Estou preocupada para saber o que os novos empresários, que se aposaram do terreno, vão fazer conosco", des-



PM orientou surfistas e curiosos que desejavam assistir à implosão

confia a gerente.

"Faz parte da minha família", garante Maria Lúcia, que afirma ser a baraqueira mais antiga da Praia de Stella Maris. "Podem restaurar e reabrir o hotel", sugeriu Lúcia, para quem o hotel era muito bem visto pelos turistas, "principalmente após o filme Orquídea selvagem", lembra a baraqueira, referindo-se à película americana que teve algumas cenas rodadas no interior do hotel.

Mas nem todos os baraqueiros pensam como Arilda e Lúcia. Walda Fernandez, proprietária da barraca Zona Tropicana, alega que a cidade está crescendo e a demolição do hotel era necessária. "Achei bom. Não dava pra ficar a vida toda com isso aí", afirma Walda. Ela pondera, no entanto, que o hotel era uma espécie de "cartão-postal da praia", como definiu a antiga construção. De acordo com o prefeito Imbassahy, qualquer intervenção que venha a ser feita no local deve conciliar, antes de tudo, o interesse da comunidade.

## Tecnologia de ponta

A tecnologia utilizada pela empresa CDI para implodir o hotel é uma das mais avançadas do mundo para esse tipo de operação. Em toda a área do prédio do Hotel Stella Maris, cerca de 24 mil metros quadrados, foram colocados 600 pontos de detonação, que, quando acionados, provocaram uma série de 30 explosões com intervalos de um milésimo de segundo entre cada uma delas e um ruído de 134 decibéis, inferior ao barulho de uma britadeira, segundo técnicos da CDI. O custo da operação, de R\$45 mil, foi pago pela empresa F.Bastos, proprietária do terreno onde se localizavam as ruínas do hotel. Após a implosão, apenas as caixas d'água e a casa de força permaneceram quase intactas. "Deixamos de propósito, pois não quisemos colocar mais dinamites na operação para não colocar em risco as pessoas do local", explicou o engenheiro

Manoel Jorge Dias. Segundo ele, o que sobrou poderá ser facilmente demolido por máquinas e tratores.